

AFINIDADES

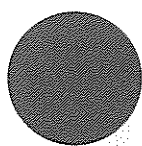
Revista da Casa Museu Abel Salazar // N.2 – II Série // Julho a Dezembro de 2005

ARTE // CIÊNCIA // CULTURA CIENTÍFICA



1 9 3 7 ± 1 9 4 0 ^{E=mc²}

*A difusão em Portugal da Teoria da Relatividade • Correspondência
entre Jaime Brasil e Abel Salazar • Actas do Colóquio:*



*O Ano em que o Sol Nasceu; A Imprensa Cultural
Portuguesa [1937-1940]*

Sol Nascente e os caminhos da poesia no final dos anos 30, por Rosa Maria Martelo

Publicado no Porto, entre 30 de Janeiro de 1937 e 15 de Abril de 1940, embora chegasse a ser «totalmente feito em Coimbra»¹, *Sol Nascente* não foi nem pretendeu ser uma publicação centrada na poesia ou sequer exclusivamente na literatura, como pode logo verificar-se pelo tipo de subtítulos que utilizou. Primeiro como *Quinzenário de Ciência, Arte e Crítica*, depois *Quinzenário Cultural de Literatura e Crítica* e ainda *Revista do Pensamento Jovem*, este periódico sempre situou o tipo de intervenção que pretendia desenvolver no campo mais lato da cultura, conferindo a este termo uma grande amplitude semântica que ia de par com a abrangência do seu empenhamento teórico e pragmático. Todavia, *Sol Nascente* não deixou, por isso mesmo, de considerar a situação e o devir da poesia portuguesa como um dos seus temas, quer através da publicação de poetas, quer através da divulgação de textos de teor reflexivo em torno da questão da poesia, alguns deles desenvolvidos em curiosas situações de polémica.

Como é referido tanto por Daniel Pires como por Clara Rocha e demonstrado por Luís Augusto Costa Dias², a evolução deste periódico passou essencialmente por dois momentos de orientação distinta, o que, aliás, se depreende do editorial constante do n.º 34, de 1 de Março de 1939, no qual se faz referência à «orientação um pouco esfumada e imprecisa» que teria caracterizado os seus primeiros vinte números. A partir daí as opções ideológicas e estéticas de *Sol Nascente* teriam seguido uma linha mais definida. E o autor do Editorial (que segundo Costa Dias terá sido presumivelmente Joaquim Namorado) é tão claro quanto pode ser:

«*Sol Nascente* passou assim a ter o seu programa concreto e a sua posição intransigente sobre múltiplos aspectos. Assim é que reage contra a metafísica e contra o psicologismo, apoiando-se na obra crítica do pensamento diamático; combate pelo neo-realismo como forma necessária de humanização da arte; defende um humanismo integral que seja um humanismo humano».

¹ Cf. Testemunho de Armando Bacelar in João Madeira – *Os Engenheiros de Almas*, Lisboa, Estampa, 1996, p. 135.

² Cf. Daniel Pires – *Dicionário das Revistas Literárias Portuguesas do Século XX em Portugal*, Lisboa, Contexto, 1986, pp. 284-5; Clara Rocha – *Revistas Literárias Portuguesas do Século XX em Portugal*, Lisboa, INCM, 1985, pp. 460-2; Luís Augusto Costa Dias – *A Imprensa Periódica na Génese do Neo-realismo (1933-45)*, in AA. VV. – *A Imprensa Periódica na Génese do Movimento Neo-realista 1933-1945*, Vila Franca de Xira, Museu do Neo-realismo, 1996, pp. 40-44.

Não é, pois, de admirar que encontremos nas páginas deste quinzenário alguns textos que podem ser considerados fundadores do neo-realismo literário português, a par de outros que visam contribuir para a compreensão do conceito marxista de dialéctica, ou dos princípios do materialismo histórico, ou do papel cultural a desempenhar por uma nova geração de intelectuais e artistas.

Evidentemente, não se poderia esperar de uma publicação que tende a ser ideologicamente direccionada, e na qual a questão da poesia ocupa um espaço restrito, a possibilidade de nos deixar ler em toda a sua amplitude as linhas de continuidade e ruptura que definem a poesia portuguesa nessa época. O que encontramos em *Sol Nascente* é uma certa perspectiva de mudança, não a perspectiva da mudança. É apenas nessa medida que este periódico nos permite aceder ao conhecimento da situação da poesia portuguesa no final da década de 30.

Por outro lado, no que respeita estritamente à poesia, será mais exacto dizer-se que *Sol Nascente* exprime uma vontade de ruptura do que considerar que representa, ou deixa ler, uma ruptura efectiva. É verdade que este quinzenário publica poetas muito jovens e que esses poetas procuram um novo caminho para a poesia. Nas suas páginas encontramos poemas de Mário Dionísio, Fernando Namora, Joaquim Namorado, Manuel da Fonseca e Cochofel e alguns desses textos revelam já os caminhos que viriam a ser trilhados pela poesia neo-realista de 40. São particularmente representativos os três poemas publicados por Mário Dionísio (*Caminho*, *Complicação* e *Poema da mulher nova*), os de Joaquim Namorado (*Cantar de amigo*, *Poema da manhã clara* e *O andaimo*), o poema *Inverno* de Manuel da Fonseca e ainda *Sol de Agosto* de João José Cochofel. No seu conjunto, estas composições evidenciam o esforço de alteridade e circunstancialismo, a atitude combativa e futurizante que virão a ser característicos dos poetas do Novo Cancioneiro. Do ponto de vista discursivo, denotam a procura de um registo que privilegie a acessibilidade e a comunicabilidade. Todavia, ainda são, quase sempre, poemas que hoje valem sobretudo pela busca que os orienta e pelo modo como procuram reequacionar a questão do papel social do poeta e da poesia. Apesar de reflectirem, no seu conjunto, uma efectiva ruptura sob o ponto de vista ideológico e de pretendem inaugurar uma poesia de intenção vincadamente social, estes poemas deixam também entrever as dificuldades de emancipação com as quais o projecto poético neo-realista iria debater-se no seu início.

Em *Sol Nascente*, a poesia e o debate em torno da poesia não podem ser isolados de outras questões que atravessam este periódico: penso nas traduções de textos explicativos do materialismo dialéctico, sobretudo na rubrica *Revista das Ideias*, na reprodução ao longo de vários números de um texto de Henri Lefebvre intitulado *O que é a dialéctica?*, na importância dada aos novos desenvolvimentos da física – veja-se, por exemplo, o artigo *Introdução à teoria da relatividade restrita*, de Ruy Luís Gomes. Este tipo de textos combina-se com outros que procuram dilucidar questões mais especificamente culturais e artísticas sob o objectivo comum de explicitar uma visão de mundo que pretende emancipar-se criticamente das referências de uma cultura burguesa e liberal. Se situarmos neste contexto as posições tomadas no campo mais restrito da poesia, facilmente compreenderemos o pendor essencialmente ideológico, muito mais ideológico do que estético, que caracteriza as posições tomadas em *Sol Nascente* no domínio da poesia.

Em *Sol Nascente*, tal como acontece em *O Diabo* e noutros periódicos importantes para a formação do Neo-realismo, uma boa parte da afirmação de uma nova poética passa pela crítica essencialmente ideológica do presencismo. Encontramos um bom exemplo desta atitude na polémica que opõe Mando (ou Armando) Martins a José Régio, iniciada com a publicação de um estudo de Mando Martins sobre Régio e Casais Monteiro³, no qual encontramos o que se poderia chamar alguns dos *topoi* mais característicos da afirmação antipresencista do neo-realismo literário na sua fase de formação. Assim, o articulista começa por considerar Régio e Casais como *os dois mais originais poetas da nossa literatura actual*, para logo de seguida os criticar violentamente a partir de um critério de ordem pragmática. Em Régio, Mando Martins lamenta o «eu enorme», o facto de fazer uma poesia que é «uma casa fechada sem janelas para a rua», tão bela quanto inútil; em Casais Monteiro, critica sobretudo «o estilo escuro», que dificultaria o entendimento da sua poesia «Um escritor deve escrever claro para ser entendido pelo maior número, para que a propaganda das suas ideias (toda a arte é propaganda de ideias) não seja prejudicada pelo inacessível da forma». Em *Carta ao Senhor Mando Martins*, e naquele tom condescendente que Régio tanto gosta de usar no diálogo com os neo-realistas, o poeta reage a este tipo de critérios com acusações de incompreensão e fana-

tismo, explicando «(...) não é por mim que realmente a minha arte se interessa. É pelo homem, mesmo sem maiúscula (...) E o fim da minha arte, se o tem, não é outro senão elevar o homem»⁴. Na tréplica, cujo âmbito Armando Martins generaliza sob o título *Resposta a José Régio que é carta aos mais escritores portugueses*⁵, não haverá muito mais que uma reacção desabrida ao tom paternalista usado pelo escritor presencista e a reafirmação da relação entre o valor de uma obra literária e a sua utilidade social.

Esta polémica é interessante na medida em que nos mostra como se parte de um juízo essencialmente pragmático para a determinação do valor estético de uma obra e daí para a formulação de directrizes poéticas. Régio só poderia reagir de modo paternalista a sugestões como esta: «Espero, e comigo muitos rapazes, que Régio se faça mais social e comunicativo, a olhar para o mundo porque há muitas dores além da sua e Casais mais preciso em clareza, mais aberto á compreensão dos que querem saboreá-lo e entendê-lo». No entanto, este tipo de posições tiveram uma importância determinante para a construção da imagem do presencismo veiculada pela crítica neo-realista. Dois anos depois, *Sol Nascente* transcrevia da *Seara Nova* uma intervenção de teor semelhante, embora mais elaborada. Refiro-me ao texto *Numa Encruzilhada dos Homens*, de Álvaro Cunhal, retomado com uma nota da redacção que vale a pena recordar:

«Transcrevemos da *Seara Nova* (n.º 615), com a devida vénia, o presente artigo do camarada Álvaro Cunhal, em que se define com uma grande clareza a posição de todos aqueles que, como nós, sentem a importância e a gravidade do momento que passa e por isso não podem senão rejeitar o ponto de vista puramente estético do autor das *Cartas Intemporais*»⁶.

Cunhal fora de facto muito claro: defendendo um critério essencialmente pragmático para a apreciação das obras de arte, não hesitara em manifestar a sua preferência por uma obra eficaz sob o ponto de vista ideológico, mesmo quando esta lhe pudesse parecer medíocre sob o ponto de vista estético. Inversamente, defendera a necessidade de «repelir», ou «lançar para um canto» certas obras que, embora esteticamente apreciáveis, como a de Régio, não se enquadravam nesse critério de avaliação⁷. Mas se Cunhal fora claro, a redacção de *Sol Nascente* era igualmente clara ao usar este texto como expressão do pragmatismo dos seus critérios de apreciação literária, isolando-o, aliás, do

⁴ *Sol Nascente*, n.º 21, 15 de Dezembro de 1937.

⁵ *Sol Nascente*, n.º 24, 1 de Fevereiro de 1938.

⁶ *Sol Nascente*, n.º 37, 1 de Junho de 1939, p. II.

⁷ Cf. Álvaro Cunhal – *Numa encruzilhada dos homens*, *Seara Nova*, ano XVIII, n.º 615, 27 de Maio de 1939, pp. 285-6.

³ Mando Martins; *José Régio e Casais Monteiro, Poetas*, *Sol Nascente*, n.º 20, 1 de Dezembro de 1937.

contexto inicial de polémica em que surgira, como Régio não deixará de fazer notar⁸.

Nesse sentido, subscrevo inteiramente a perspectiva de Fernando Guimarães, quando afirma que se, por um lado, «nos é dado extrair para além de certas afinidades, «uma contradição de carácter ideológico» entre o mundo da Presença e o da corrente neo-realista», por outro lado, «os processos de escrita apresentam semelhanças fundamentais»⁹. É disso sintomático que Cunhal não consiga depreciar a obra de Régio no plano estético pois, deste ponto de vista, as alternativas eram ainda incipientes. Vale a pena recordar o juízo de Álvaro Cunhal:

«(...) Eu tenho José Régio como um dos mais poderosos e capazes poetas portugueses contemporâneos — quanto ao potencial e capacidade de expressão. Tenho «As Encruzilhadas de Deus» como uma das mais vibrantes obras poéticas portuguesas contemporâneas. Mas tenho também José Régio, a sua poesia, como uma expressão dolorosa da fuga, do cansaço, da renúncia, daqueles que não têm força e sensibilidade para permanecerem corajosamente onde se degladiam as multidões. A poesia de José Régio exalta uma posição (e até uma atitude) condenável, fracassada e decadente. Por isso deve ser combatida. Por isso entendo que, embora apreciada do ponto de vista «puramente literário», deve ser preterida»¹⁰.

Em *Sol Nascente* não encontramos ainda uma contrapartida estética efectiva ao presencismo, desde logo porque a *Presença* era muito mais heterogénea do que o anti-regianismo neo-realista deixava compreender. Por outro lado, mesmo o debate desenvolvido em torno de um novo conceito de poesia retoma aspectos fundamentais da teorização poética e estética desenvolvida especificamente por Régio e Gaspar Simões. Assim, em *Algumas notas para uma nova poética*¹¹, Manuel Filipe propõe-se reflectir acerca da «missão social do poeta», rearticulando o conceito regiano de «universalidade» da arte com a busca neo-realista da acessibilidade, isto é, com a ambição neo-realista de que o poeta se encontre «com toda a gente num terreno onde o entendimento seja fácil, afectuoso, útil»; do mesmo modo, retoma o princípio da «sinceridade», entendendo-o no sentido algo limitativo de que «o poeta deve viver o que escreve», e passando de seguida a afirmar que «um artista não pode exprimir-se sem tomar partido». O que se pretende dizer é que os termos em que a equação «O Homem + o Artista + a Rea-

lidade = Arte» é dimensionada por Régio para definir a Arte Moderna através da valorização da primeira destas parcelas, isto é, do Homem, permanecem no essencial os mesmos. Para Régio, a Arte Moderna distingue-se, antes de mais, pela afirmação que o Homem faz de si próprio: «Afirmação ora de uma existência activa, ignota, crepuscular, perturbante e poderosa — a existência do seu subconsciente — ora de uma existência activa, directora esquematizadora, poderosa e lúcida — a existência da sua inteligência consciente»¹²; as vozes inaugurais da crítica neo-realista centram-se igualmente nesta relação entre o Homem e a arte, embora fazendo variar o conceito de Homem e de Humanismo, ao conferir-lhe uma dimensão social que a *Presença* secundarizava.

A questão fundamental passa, de facto, precisamente pela posição anti-espiritualista inerente ao Novo Humanismo, de matriz marxista: Em arte, escreve João Gaspar Simões: «realismo é a actividade que persegue a configuração física das coisas; humanismo, ou humanidade, a assimilação do aparelho espiritual dessas mesmas coisas»¹³. Ora, como foi lapidarmente observado por José Gomes Ferreira, a ruptura situava-se ao nível de uma «tentativa de substituição das bases filosóficas tradicionais da poesia portuguesa (dualista, platónica, cristã, etc.) pelo materialismo dialéctico de que alguns artistas jovens de extracção pequeno-burguesa se julgavam imbuídos»¹⁴. E essa era uma questão que Rodrigo Soares formulava claramente no artigo *A cultura e a vida*, publicado em *Sol Nascente* no ano de 1939, no qual, depois de criticar como reducionista a maneira como Gaspar Simões observava a humanidade através do «tipo do homem psicológico», afirmava:

«Final o nosso problema não é de literatura, Sr. Gaspar Simões: é de filosofia, é de sociologia. Não se trata de discutir a legitimidade de posições literárias ou não-literárias; tampouco se trata de pôr ou não pôr ordem nas ideias; — trata-se, sim, de conhecer a realidade, de ter do mundo uma representação exacta, que nos permita transformá-lo»¹⁵.

Daí também que, em 1943, Mário Dionísio preferisse o conceito de grupo ao de geração para designar os neo-realistas, sublinhando que se tratava «de interesses opostos, de mentalidades opostas, de atitudes opostas e» — sublinho eu — «de homens diferentes»¹⁶. Que homens diferentes produziriam necessariamente uma

⁸ Cf. José Régio — *Página Indiscreta*, *Presença*, n.º 1, II série, Nov. de 1939.

⁹ Fernando Guimarães — *A Poesia da Presença e a Aparição do Neo-realismo*, 2.ª ed., Porto, Brasília Editora, 1981, pp. 122-3.

¹⁰ *Idem*, p. 286.

¹¹ *Sol Nascente*, n.º 10, 15 de Junho de 1937.

¹² *Lance de Vista*, *Presença*, n.º 6, 18 de Julho de 1927.

¹³ *Realidade e Humanidade na Arte*, *Presença*, n.º 16, 1928.

¹⁴ José Gomes Ferreira — *A Memória das Palavras*, 3.ª ed., Lisboa, Portugal, 1972 (1965), p. 165.

¹⁵ Rodrigo Soares [Fernando Pinto Loureiro] — *A Cultura e a Vida*, II, *Sol Nascente*, n.º 37, 1 de Junho de 1939.

¹⁶ Mário Dionísio — *Ficha 13-A*, *Seara Nova*, n.º 833, 31 de Julho de 1943, p. 269.

arte diferente, eis uma ilação que o próprio conceito presencista de arte humanista permitiria ainda retirar. No fundo, é ainda essa lógica que leva Mando Martins a afirmar, no n.º 4 de *Sol Nascente*:

«A ideia vale mais que por ser bela, por útil, e será tanto mais útil quanto maior o número de indivíduos a quem for distribuída.

É preciso que a literatura, dando-nos um banho de vida nas cachoeiras da tragédia do Homem, nos torne mais sociais, quer dizer mais humanos».

O que faz aqui Mando Martins, senão reutilizar sob uma óptica antiespiritualista conceitos fundamentais da crítica presencista, como os de universalidade e de humanidade?

Num *Apontamento sobre a necessidade de ver claro*, publicado por Mário Dionísio no n.º 26 de *Sol Nascente*, de 15 de Março de 1938, podemos igualmente observar esta necessidade de redireccionar uma poética de matriz presencista, centrada na relação homem/artista:

«A necessidade de modificação formal é evidente. Mas como inventá-la, como descobri-la sem que corresponda a uma modificação integral do homem? Para quê e como inventá-la, se ela deve surgir espontaneamente, sem programa, excepto o de exteriorizar uma nova estrutura?»

Outra faceta que nos parece curiosa está na tendência de certos artistas e críticos para a obra directamente revolucionária. Assim, nas artes plásticas, por exemplo, a representação de um levantamento de massas. Não queremos negar o valor à intenção. Mas necessitamos de ir muito mais ao fundo. Necessitamos ver claro. Pobre modificação das coisas que estivesse nos fusilamentos, nos coros guerreiros, numa bandeira ou vermelha ou branca...».

Essa modificação, vê-la-ia já Mário Dionísio nitidamente em 42, através da poesia de Casais Monteiro, Cochofel, Manuel da Fonseca, Namora, Sidónio Muralha e, sobretudo, de José Gomes Ferreira, definindo-a como um novo «sentido da terra»: «Este sentido da terra

de que falo implica acima de tudo a consciência do concreto. Até aqui grande parte da tarefa do poeta era uma tarefa de transferência para o reino do abstracto. De hoje em diante grande parte da actividade poética cifrar-se-á em dar aos homens a consciência do concreto que há neles e nas coisas, o concreto que eles são»¹⁷. E Mário Dionísio marcava esta mudança com a publicação na *Seara Nova*, em 1940, do poema *A uma nuvem e a todas as nuvens*, de José Gomes Ferreira.

Estaremos, então, perante essa ruptura que no final dos anos 30 se anunciava em *Sol Nascente* e noutros periódicos ideologicamente afins? Provavelmente, o conceito de ruptura é demasiado forte para designar as mudanças em curso. O presencismo – sobretudo quando pensado na sua dimensão mais restrita – não chega para definir toda a complexidade de linhas em presença na poesia portuguesa dos anos 30. E, se tivermos em conta o leque de descontinuidades que caracteriza essa década, não poderemos deixar de encontrar em poetas como Monso Duarte, Casais Monteiro, Vitorino Nemésio ou Irene Lisboa (cujos poemas *Sol Nascente* publicou com frequência) um sentido de concreção, um estreitamento da relação entre poesia e mundo, que passará certamente por uma progressiva agudização da consciência, linguisticamente reflexiva, de que essa relação se situa no campo das práticas discursivas que transformam o real em mundo. Serão muitos e variados os caminhos a percorrer, mas passarão certamente por um exercício que, face a uma certa retórica poética, poderemos considerar como sendo de despoetização. E passa por essa evolução do gosto, o valor que hoje atribuímos a obras como as de Sophia, Eugénio de Andrade ou Jorge de Sena, que é, aliás, o gosto que essas obras também souberam criar. Que os neo-realistas contribuíram para essa mudança parece-me inegável, mas também me parece evidente que o horizonte em que ela se dá é mais largo que o do Neo-realismo. “*”

¹⁷ Mário Dionísio – «Ficha 4», *Seara Nova*, n.º 762, Março de 1942, pp. 86-7.